NOTAS SOBRE O DESENCADEAMENTO DA ESTRUTURA BIFACIAL DA TEMPORALIDADE EM PRIMO LEVI: Entre a imagem atual e a imagem virtual

Caio César Costa Santos

Graduado em Letras-Português pela Universidade Federal de Sergipe. Mestre em Letras área de concentração estudos linguísticos pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: caio-costa@live.com

RESUMO

O presente artigo busca refletir sobre uma concepção extraordinária de tempo calcada na dissolução do pensamento grego de que o tempo significa ser uma linearidade ou uma simetria exaustante. Com base em descrições epistemológicas em Bergson, Deleuze e Merleau-Ponty, interrogamos sobre esta simetria exaustante do tempo e discutimos como é possível pensar a temporalidade dentro de um quadro errante, desconexo e sublime. A nossa concepção descreve que o tempo significa ser uma imagem bifacial refletida pelo cristal de tempo, fazendo coemergir duas imagens coalescentes que se complementam, o presente, a imagem atual e o passado, sua imagem virtual. No final, analisamos dois testemunhos do químico Dr. Primo Levi afim de enquadrar a teoria do objeto bifacial da temporalidade.

Palavras-chave: Temporalidade. Imagem bifacial. Virtualidade. Primo Levi.

NOTES ABOUT THE TRIGGERING OF THE BIFACIAL STRUCTURE OF TEMPORALITY IN PRIMO LEVI: Between the actual and the virtual image.

This article aims to discuss an extraordinary conception of time based on the dissolution of the Greek Thought about the linear or symmetric idea of time. Basing on the epistemological descriptions of Bergson, Deleuze and Merleau-Ponty, we interrogate about this exhausting symmetry of time and discuss how it is possible to think temporality inside an uncertain, sublime and disconnected chart. Our conception describes time as a bifacial image reflected by the crystal of time, creating a co-emersion of two coalescent images that contemplate each other: the present, an actual image, and the past, a virtual image. At the end, we analyzed the testimonials of the chemist Dr. Primo Levi in order to understand the theory of the bifacial object of temporality.

Keywords: Temporality, bifacial image, virtuality, Primo Levi.

1 INTRODUÇÃO

O tempo é, dentre as instâncias supremas, a mais encantadora possível. Argumenta-se, hoje, se o tempo advém conjuntamente dos laços perpetrados da humanidade, ou seja, o tempo foi confeccionado para a administração das relações sociais ou se o tempo, por uma perspectiva metafísica, surgiu no mundo antes mesmo do primeiro vestígio do *homo sapiens*. Qualquer que seja a especulação, o tempo é a forma mais global e inatingível do mundo, ele contempla ainda todas as espécies, todos os vegetais, até os seres inanimados. É impossível interromper a trajetória do tempo em nossas vidas, ele faz parte indubitavelmente do nosso dia a dia.

Envelhecemos ou nos tornamos mais sábios com o avanço das horas, podemos recuperar antepassados muito distantes de nosso presente e ainda nos organizamos didaticamente segundo o tempo. Neste artigo, especial, discutiremos acerca da estrutura ausente da temporalidade em Primo Levi com base epistemológica em Bergson, Deleuze e Merleau-Ponty. Interrogaremos se o tempo é uma unidade linear e meramente cronológica ou se o tempo é uma unidade indivisível, transcendente e opaca. À luz de tais descrições, perceberemos como o passado conserva memórias até então distantes do campo de percepção do enunciador, prevalecendo uma intersecção entre a imagem atual, o presente, e a imagem virtual, o passado.

2 O TEMPO: UMA BREVE INTRODUÇÃO DE SUA ANALOGIA

A simbologia do tempo na vida do ser humano remonta a época clássica da Mitologia Grega, em que o tempo era visto como a forma de um Deus denominado *Chronos*. *Chronos* significa a eternidade ou a simetria da temporalidade. Partindo da raiz etimológica, significa ainda cronologia, cronômetro, cronometragem, etc. Neste tempo, acreditava-se, segundo os gregos, que o passar das horas era medido levando em consideração os astros, as estrelas e toda uma constelação. Isso era verificado também no amanhecer e no entardecer do Sol. A natureza era, pois, a condição *sine qua non* para a tessitura de um dado instante. Na época dos gregos, a visão do tempo era unidirecional, cronológica e absolutamente linear. As grandes navegações, os jesuítas e os indígenas, por exemplo, se orientavam através da natureza, do aspecto simbólico em que o céu traçava nas nuvens.

Caio César Costa Santos

Com o avanço da humanidade e o advento da Revolução Industrial, surgindo o capitalismo e a burguesia, a perspectiva do tempo mudou drasticamente a fim de abrigar as potencialidades do mundo servil. A realidade aqui emancipada diz respeito à produção sistêmica de manufaturas e do trabalho braçal e acelerado da mão de obra. A emergência do capital potencializou as formas de encarar o mercado de trabalho. Aquele que mais produz, é aquele que tem mais tempo para tal. O tempo é visto aqui como uma maquinaria que absorve do trabalho o êxito do operário. Mais produção, mais tempo gasto para produzir mais e mais. Como o tempo é inesgotável, a força da manufatura parece também não parar nenhum instante. As indústrias, especialmente, vêm, na divisão do trabalho, uma fórmula propulsora de o operário produzir significativamente em um curto período de tempo.

Na emergência do século XXI, percebemos como a escala do tempo se modificou também. O tempo é agora visto como uma dupla face transparente em que emerge daí duas instâncias que se complementam: a realidade e a virtualidade. De um lado, estamos associados a uma realidade concreta e social da linguagem humana, interagindo face a face e, de outro, temos, a partir de recursos digitais, uma imagem virtual construída, sem o acesso das relações genuinamente sociais. Na contemporaneidade, as pessoas deixaram de interagir socialmente em detrimento da transformação radical das relações humanas. Esta atmosfera de virtualidade, característica do mundo digital, repousa na ideia de que o conhecimento das relações sociais atingiu uma ordem secundária no plano das transformações sociais. “Comunicar-se”, na era digital, significa ter acesso a plataformas midiáticas que convergem mecanismos imediatos de comunicação virtual entre parceiros da linguagem.

O instrumento de comunicação social atrelado ao mundo contemporâneo provocou novas formas de agir em sociedade, transformando o tempo numa escala de apreensão condizente à virtualidade do processo. Nos meios digitais, a realidade deixou de ser o campo de ação e de participação social. Hoje, os interactantes agem de acordo a estímulos provindos de uma dicotomia humana e atemporal, os vestígios da comunicação humana se enlaçam numa responsabilidade social que converge fatos exteriores à realidade palpável da linguagem. Na era da tecnologia, a mão de obra foi substituída pela inteligência das fábricas a fim de realçar a dinâmica do tempo contrariado. O pensamento e a linguagem são, agora, dois fenômenos que agem entre si, possibilitando a

assimilação de uma visão extraordinária do tempo. O interactante diz o que pensa em redes sociais e, ao mesmo tempo, age segundo à ordem contemporânea do mundo digital.

Atualmente, a perspectiva do tempo atinge uma dissolução do processo constituinte da comunicação humana, isto quer dizer que os meios de comunicação entre parceiros da linguagem não são mais os mesmos, a lógica do capitalismo e da burguesia fizeram emergir um novo estado de incorporação do meio tecnológico, ou seja, é como se cada interactante possuísse uma linha do tempo construída virtualmente com as mídias digitais. O espaço deixou de ser imediato e acessível e passou a constituir uma ação no mundo secundária e intermediária. Afetos, paixões, tristezas e alegrias são compartilhadas virtualmente, criando uma rede social de imagens que se imbricam e se contradizem entre si. O espaço não é mais físico e sim virtual, e o tempo se enquadrou nesta dinâmica. As relações espaço-temporais ficaram invertidas, tornando a imagem do tempo, bifacial.

3 O RECURSO À TEMPORALIDADE EM BERGSON, DELEUZE E MERLEAU-PONTY: A INTERSECÇÃO ENTRE O PRESENTE E O PASSADO

A fim de compreender o desencadeamento da estrutura bifacial da temporalidade, é preciso, antes de tudo, perceber como são constituídas as bases epistemológicas adjacentes à teoria da temporalidade, concebida a partir do século XX. Bergson, Deleuze e Merleau-Ponty são pensadores e filósofos que pensaram a dinâmica do tempo dentro de um enquadre epistemológico subjacente único e intransferível. Eles interrogaram-se acerca do tratamento da imensidão da temporalidade, a partir das ações humanas disseminadas no meio social. Gilles Deleuze, por exemplo, bebe da fonte de Henri Bergson para descrever uma teoria da temporalidade circunscrita numa imagem cinematográfica que não cessa de acontecer. Já Merleau-Ponty adere uma perspectiva de dissolução da imagem do sujeito, provocando um alargamento da dimensão temporal que, para ele, é indubitavelmente subjetiva. A diferença entre estes autores é que, em Deleuze, a percepção de Bergson é compreendida como o presente, enquanto que a lembrança-pura é preservada como sendo a imagem virtual, ou seja, a totalidade do passado.

Segundo a fenomenologia de Bergson, no capítulo intitulado “Da sobrevivência das imagens: a memória e o espírito”, é lícito distinguir a dimensão da temporalidade em três instâncias que se complementam, a saber: a lembrança pura, a lembrança-imagem e a percepção. A priori, a

percepção não é jamais um simples contato do espírito com o objeto presente, ao contrário, ela “está inteiramente impregnada de lembranças-imagens que a completam, interpretando-a” (BERGSON, 2006, p. 155). A percepção ou o ato do objeto percebido diz respeito ao contato primário da ação humana na designação dos objetos dispersos no espaço. A percepção contém o entorno do objeto presente tão somente e ele mesmo. Quando este objeto percebido toca a primeira dimensão secundária da lembrança-pura, ele deixa de ser um objeto presente e passa a constituir um objeto vertiginosamente passado. Partindo-se desta ótica, o ser humano tem a consciência de um ato *sui generis* pelo qual deixamos a dimensão do presente para nos realocarmos no passado e, depois, especificamente, numa região deste passado.

A nossa vida psicológica resume-se, então, inteiramente em dois elementos primordiais: a sensação do objeto percebido e a imagem coalescente construída deste objeto. A percepção, como a totalidade do presente, se confunde e se funde à lembrança-pura, originando lembranças-imagens. Neste processo, a imagem atual do objeto torna-se uma imagem virtual genuinamente deslocada. Essencialmente virtual, o passado não é um todo encerrado em si mesmo, ao contrário, a partir do processo de recordação de imagens já passadas, o passado torna-se também uma imagem atual viva e intacta. A força da memória ou do pensamento é o que produz esta atmosfera de fundição, de união e acoplamento das dimensões temporais presentes e já passadas. Mas, o passado em si é uma massa amorfa sem a presença do presente. É, pois, o presente que torna a imagem passada viva aos olhos do espectador. Na lembrança-pura, é onde se alojam todas as memórias construídas pelo ser humano, cada lembrança se transforma à medida que se atualiza. Este processo de atualização requer do presente uma força propulsora que se dissemina ao mesmo tempo, numa atualização da instância presente e na recuperação e inserção do passado à característica sensório-motora.

O passado vem à tona como pura invenção e, certamente, uma lembrança à medida que se atualiza, tende a viver como uma imagem coalescente. Um exemplo de quando o passado toca o presente é que quanto mais nos esforçamos para recordar um momento de dor ou de angústia, mais temos a sensação de experimentá-lo realmente. Esta é a dinâmica de atualização da dimensão da temporalidade em que a lembrança deixa o seu estado puro de conservação e passa a se presentificar na ação imediata. Logo, o progresso da lembrança consiste justamente em se materializar em um dado momento do presente. O passado deixa de ser uma massa amorfa e passa

Caio César Costa Santos

a se revelar como uma categoria fenomenologicamente presente. O presente é aquilo que interessa ao ser humano, o que vive em si e o que impele à ação, enquanto que o passado é essencialmente impotente. O objeto em estado passado só se torna marca concreta quando aceito pela consciência, que é o estado natural do presente.

O presente é real, concreto e vivido, enquanto que o passado é imaginário, abstrato e recuperado. É lícito compreender que o próprio momento em que o locutor enuncia já está distante dele mesmo, o presente deixa de ser uma forma presentificada no exato momento em que é enunciado alguma sentença como “está frio lá fora”. A percepção se aloja no presente e este presente é essencialmente sensório-motor. Equivale a dizer que o presente consiste na consciência que o locutor tem de seu corpo estendido na dinâmica do espaço. O corpo é o *aoristo*, ou seja, o centro da ação, o lugar onde as impressões construídas escolhem o seu caminho para se transformarem em movimentos de afecção. O corpo é afetado constantemente, provocando uma profunda ruptura na dimensão da temporalidade. As sensações atualizadas do objeto percebido são aquilo que ocupa porções determinadas pela superfície do corpo, já a lembrança-pura, ao contrário, não diz respeito a nenhuma parte deste corpo. A lembrança-pura é indivisível, opaca e translúcida.

Ao exarminarmos uma lembrança, só a percebemos sob a forma de uma imagem, isto é, já encarnada em uma sensação. Ou seja, o presente deixa de ser uma percepção nascente e transforma a impressão do imaginário em um dado real em vias de escoamento. A investigação filosófica de Bergson mostra que “o passado deixa o estado de lembrança pura e se confunde com uma certa parte do presente. A lembrança atualizada em imagem difere assim profundamente desta lembrança pura” (BERGSON, 2006, p. 164). Se a consciência não é mais que a marca característica do presente, do atualmente vivido, enfim, daquele que age, então, aquilo que não age, é inextensivo e impotente, se aloja na lembrança pura. Dizemos que a lembrança pura é a caixa preta e sombria das ilusões escondidas, é o estado, a priori, vazio da temporalidade. Embora opaco, pode se tornar vivo através da ação imediata da percepção. Se a realidade, enquanto extensão, nos parece ultrapassar ao infinito nossa percepção, em nossa vida interior, a psicológica, só nos parece real o que começa com o momento presente. Ou seja, a dimensão do presente é o sustentáculo da ação já passada, uma vez que a existência dos objetos fora da consciência não possuem em si nenhum tipo de materialidade.

É interessante observar que o curso temporal das lembranças se apresenta como uma dissimetria, ou seja, os objetos são naturalmente dispersos, contraditórios e opacos. Somente com a ação da percepção é que estes objetos percebidos atingem um nível de vivacidade iminente e próprio da ação presente. Por isso que a relação entre o presente e o passado é intermediária, embora o espaço esteja distante do momento atual na recordação, é a instância do presente que realoca e funde a ação passada com a percepção atual em vias de escoamento. Deveríamos, portanto, pensar que a existência, em seu sentido empírico, implica ao mesmo tempo, mas em graus diferentes, a apreensão consciente do objeto percebido e a conexão imediata deste objeto. Com isso, a existência dos estados psicológicos, segundo a teoria de Bergson, consistirá inteiramente na apreensão pela consciência. Ou seja, aquele objeto que é genuinamente opaco por natureza torna-se empírico por intermédio da consciência.

Quando pensamos o presente como devendo ser, ele ainda não é; e, quando o pensamos como existindo, ele já passou. Se, ao contrário, você considerar o presente concreto e realmente vivido pela consciência, pode-se afirmar que esse presente consiste em grande parte no passado imediato (BERGSON, 2006, p.175).

Este pensamento do filósofo Bergson nos faz crer na possibilidade de uma união entre o presente e o passado. Isso quer dizer que a percepção, enquanto totalidade da matéria, por um prisma metafísico, consistirá em um conjunto de elementos rememorados reatualizados entre si. Toda percepção é já memória. A fina camada do presente, em vias de escoamento, toca a obscura camada do passado, nós só percebemos as instâncias do passado quando recuperamos-as e associamos-as ao presente. A consciência, portanto, a todo momento, ilumina essa parte imediata e obscura do passado, trabalhando para torná-lo realizável e operante. Vivemos a ilusão de admitir que a sobrevivência integral do passado deve-se somente à recuperação das imagens já passadas, quando, na verdade, esquecemos que é o presente que o torna presente, em estado de realização, vivo e ordinário. Por isso é impossível a tentativa de querer localizar as percepções passadas ou mesmo presentes no cérebro: elas não estão nele; é ele que está nelas.

Em sua realidade, o *eu* não se fixa jamais em nenhuma das posições extremas; o passado ou o presente; ao contrário, ele se move entre elas, adota-se sucessivamente as posições representadas pelos pontos intermediários entre estas duas dimensões temporais, em outras palavras, o *eu* dá a suas representações o suficiente da imagem para que elas, as representações, possam contribuir utilmente par a ação presente. É pura ilusão pensar que o presente, o passado e o futuro são instâncias que se sobrevivem independentemente. Suponhamos, com efeito, que nossa vida

psicológica se reduza às meras funções sensório-motoras. Neste caso, é de se pensar que a percepção ou o presente é a única dimensão temporal acessível ao ser humano. Mas, aparentemente, isto não existe. Estamos nos tratando de uma dilatação de nossa consciência inteira, ou seja, a união das três instâncias temporais. O presente que não cessa de acontecer e passar, o passado que se conserva e se atualiza e o porvir que se realiza prospectivamente.

Segundo Bergson, nossa vida psicológica oscila entre duas extremidades. De um lado, o estado sensório-motor que orienta a memória, da qual, no fundo, é a extremidade atual e ativa e, de outro lado, essa própria memória, com a totalidade de nosso passado, que exerce uma pressão para adiante a fim de inserir na ação presente a maior parte possível de si mesma. Ou seja, enquanto que a instância do passado conserva a memória, a instância do presente a atualiza tornando-a parte da consciência imediata. Cada uma destas representações de nosso passado só traz à luz da consciência aquilo que se assemelha ao estado sensório-motor do presente. As experiências vividas em um dado momento, através da recordação, tornam-se aparentes no reflexo do cristal da memória. Pois, todo acontecimento cuja lembrança imprimiu na memória, por mais simples que seja, ocupou um certo tempo e este tempo é recuperado a partir primariamente da percepção do objeto presente, tornando-o utilizável e discernível.

Além de Bergson descrever acerca da dimensão do tempo por uma abordagem fenomenológica, encontramos também a noção de temporalidade em Merleau-Ponty. Mas, em Merleau-Ponty, a temporalidade dispõe-se a partir de experiências subjetivas, ou seja, numa linguagem kantiana, a temporalidade é a forma do sentido interno porque ela é o caráter mais geral dos fatos psíquicos. Encontramos aí uma relação mais íntima entre o tempo e a subjetividade. De acordo com Merleau-Ponty, resta que o sujeito seja temporal, “não por algum acaso da constituição humana, mas em virtude de uma necessidade interior” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 549). Dentro desta perspectiva, a existência não pode ser um atributo exterior ou contingente, pois estamos nos tratando de fatos psíquicos e da associação do tempo com a unidade interior da subjetividade. Contudo, Merleau-Ponty se aproxima de Bergson no limite em que a compreensão do sujeito não está encerrada nele mesmo, como uma pura forma, mas o sujeito pode ser encontrado na intersecção de suas dimensões temporais. Além disso, a percepção esboçada em Bergson, é vista em Merleau-Ponty como um observador finito que vê, nos acontecimentos do presente, a totalidade espaço-temporal do mundo objetivo.

Não há um acontecimento ou evento no tempo presente sem a emergência da individualidade. O tempo nasce da relação do sujeito com as coisas do mundo. Daí surge a percepção nascente em Bergson. Sendo assim, o tempo não é uma sucessão, nem uma cronologia de fatos; o que tem que ter em mente é que o observador que percebe o começo do riacho não é o mesmo que se encontra no fim do transcurso. Ou seja, a imagem que o observador cria no curso do tempo é a mesma que uma imagem espectral. O tempo só tem sentido, segundo Merleau-Ponty, com a constituição da subjetividade, da interioridade humana. A água que passará naquele riacho amanhã não é a mesma que acaba de passar neste momento. A noção de infinitude do tempo e de uma contiguidade modo-temporal da relação das coisas com o mundo que nos cerca. O passado e o futuro existem no presente, a partir da visão subjetiva que o observador tem do mundo, ele é o centro da ação, centro de todos os limites metafísicos que engendram a perspectiva da temporalidade.

Esta mesa traz traços de minha vida passada, inscrevi nela as minhas iniciais, nela fiz manchas de tinta. Mas, por si mesmos, estes traços não remetem ao passado: eles são presentes; e, se encontro ali signos de algum acontecimento anterior, é porque tenho, por outras vias, o sentido do passado, é porque trago em mim essa significação (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 553).

Ou seja, a ideia de uma conservação corporal do passado. O corpo inanimado que é a mesa traz, com a força do presente, vestígios do passado imediato. Mas, como vimos em Bergson, a percepção é a primeira unidade corporal que o sujeito tem para efetivar as relações sensório-motoras. A imagem da “mesa” é um traço característico do presente, enquanto que as manchas de tinta que contém as iniciais é um traço característico do passado. Partindo-se deste exemplo, podemos perceber que o tempo não para de evoluir, não cessa, ele está sempre acontecendo, não importa qual relação sensório-motora o sujeito faça, o tempo sempre estará ali para atualizar as instâncias do presente, ao mesmo tempo em que recupera e conserva as instâncias do passado. Uma percepção conservada, neste caso, a mesa, é uma percepção, ela continua a existir, ela está sempre no presente. Mas, no exato momento em que o sujeito toma posse da mesa e introjeta um sinal gráfico na superfície da mesa, as relações temporais tornam-se contíguas, vivas e necessárias.

Não digamos mais que o tempo é um dado da consciência, digamos, mais precisamente, que a consciência desdobra ou constitui o tempo. O próprio sujeito está ali situado para que ele possa, em intenção, estar presente ao passado. Segundo Merleau-Ponty, o tempo é uma rede de intencionalidades, isso quer dizer que o tempo enquanto objeto imanente de uma consciência é um tempo nivelado pela subjetividade. A percepção é apenas percepção sem a existência de uma

Caio César Costa Santos

consciência. É, pois, essencial ao tempo fazer-se e não ser, nunca estar completamente constituído. O tempo é interstício, dobra defasante, contiguidade e coexistência. Neste sentido, o tempo não é uma linha vertical em que abrange as três instâncias passado, presente e futuro. A cada momento que passa, este mesmo momento sofre uma modificação no tempo e no espaço. A fina camada do tempo é uma linha contígua em que o presente atualiza, o passado conserva e o futuro aponta, tudo isso ao mesmo tempo, provocando uma força além do tempo.

O tempo, na experiência primordial que dele temos, não é para nós um sistema de posições objetivas através das quais nós passamos, mas, segundo Merleau-Ponty, “é um ambiente movente que se distancia de nós, assim como a paisagem na janela do vagão” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 563). Ou seja, enquanto o observador está sentado numa locomotiva vendo a paisagem além da janela do vagão, o tempo parece passar sucessivamente, sem parar, em que o presente é o centro da ação, o próprio observador, e a locomotiva representa a coexistência temporal em que as paisagens anteriores não são mais mesmas que a do presente percebido. A temporalidade se temporaliza como porvir que vai para o passado vindo para o presente. Portanto, o passado não é passado, nem o futuro é futuro. Eles só existem quando uma subjetividade vem romper a plenitude do ser em si, desenhar ali uma perspectiva. A subjetividade não está no tempo, ela é o tempo, pois ela assume ou vive o tempo e se confunde nele. Toda consciência enquanto projeto global se manifesta a si mesma em atos, experiência, fatos psíquicos em que ela se reconhece. É aqui que a temporalidade ilumina a subjetividade. O tempo é afecção de si por si.

Deleuze se aproxima consideravelmente de Bergson e Merleau-Ponty. Só que a perspectiva de Deleuze sobre o tempo está enquadrada no cinema. Segundo Gilles Deleuze, a própria imagem atual tem uma imagem virtual que a ela corresponde, como um duplo ou um reflexo. Em termos bergsonianos, o objeto real reflete-se numa imagem especular tal como no objeto virtual que, por seu lado e ao mesmo tempo, envolve e reflete o real. Há coalescência entre os dois. Há a formação de uma imagem bifacial, atual e virtual. Nesta perspectiva, a percepção atravessa o tempo atual e o passado se constitui em um tempo virtual. Deleuze observa esses fenômenos a partir da imagem coalescente do cinema em que vemos a dupla face transparente do Cristal de Tempo com suas várias faces. A indiscernibilidade do real e do imaginário, ou do presente e do passado, do atual e do virtual são duplas por natureza. O Cristal de Tempo é um circuito, uma troca: a imagem especular é virtual em relação à personagem atual que o espelho capta, mas é atual no espelho.

Distintos, mas indiscerníveis, assim são o atual e o virtual, que não param de se trocar. Quando a imagem virtual se torna atual, então é visível e límpida, como num espelho ou na solidez do Cristal. Mas, a imagem atual também se torna virtual, por seu lado, remetida a outra parte, invisível e opaca. O Cristal é uma cena, ou melhor, uma pista. O ator está intrinsecamente ligado a seu papel público: ele atualiza a imagem virtual do papel, que se torna visível e luminosa. O Cristal é expressão. A expressão vai do espelho ao germe. Segundo Deleuze, é o mesmo circuito que passa por três figuras: o atual e o virtual, o límpido e o opaco, o germe e o meio. Com efeito, por um lado, o germe é a imagem virtual que fará cristalizar um meio atualmente amorfo, mas, por outro lado, este deve ter uma estrutura virtualmente cristalizável, em relação à qual o germe desempenha o papel de imagem atual. Também aí o atual e o virtual se trocam numa indiscernibilidade que a cada vez deixa subsistir a distinção.

Por mais que a imagem-cristal tenha muitos elementos distintos, sua irreduzibilidade consiste na unidade indivisível de uma imagem atual e sua imagem virtual. Mas, o que é essa imagem virtual em coalescência com a atual? Bergson sempre colocou esta questão e procurou sempre a resposta no abismo do tempo. Aquilo que é atual é sempre o presente, ele é a percepção sensório-motora. Mas, justamente, o presente muda ou passa. Pode-se sempre dizer que ele se torna passado quando já não é, quando um “novo” presente o substitui. Segundo Deleuze, “é preciso, portanto, que a imagem seja presente e passada, ainda presente e já passada, a um só tempo, ao mesmo tempo” (DELEUZE, 2007, p. 99). O passado não sucede ao presente que ele não é mais, ele coexiste com o presente que foi. O presente é a imagem atual, e seu passado contemporâneo é a imagem virtual, a imagem especular. Logo, cada momento de nossa vida oferece estes dois aspectos: ele é atual e virtual, por um lado, temos a percepção e, por outro, a lembrança. Conforme postula Deleuze, “se Bergson chama a imagem virtual de “lembrança pura”, é para melhor distingui-la das imagens mentais, das imagens-lembranças, do sonho ou do devaneio” (DELEUZE, 2007, p. 100).

E Deleuze continua: é no passado tal como ele é em si, tal como se conserva em si, que iremos procurar nossos sonhos ou nossas lembranças, não o inverso. É somente sob este artifício que a imagem-lembrança carregará o sinal do passado que a distingue de outra imagem, o sinal distintivo de uma perspectiva modo-temporal. Os circuitos mais ou menos amplos e sempre relativos, entre o presente e o passado, remetem, por um lado, a um pequeno circuito interior, para relembrar a metáfora de Merleau-Ponty acerca da paisagem na janela do vagão, onde passado e

presente estão entremeados, ligados, fundidos através da semântica indivisível do sujeito. É, pois, o sujeito, o observador do Cristal que liga a imagem atual à imagem virtual e vice-versa. É preciso que o tempo se cinda ao mesmo tempo em que se afirmar e se desenrola: ele se cinde em dois jatos dissimétricos, um fazendo passar todo o presente, e o outro conservando todo o passado. O tempo consiste nesta cisão, e é nela que o tempo se vê no Cristal.

O Cristal, com efeito, não para de trocar as duas imagens distintas que o constituem, a imagem atual do presente que passa e a imagem virtual do passado que se conserva: distintas e, no entanto, indiscerníveis justamente por serem distintas, já que não se sabe qual é uma e qual é a outra. A imagem-cristal é, certamente, o ponto de indiscernibilidade de duas imagens distintas, a atual e a virtual, enquanto o que vemos no Cristal é o tempo em pessoa, a dissociação momentânea da subjetividade, um pouco de tempo em seu estado puro, a distinção mesma entre as duas imagens que nunca acaba de se reconstituir. Por isso, haverá diferentes estados do Cristal, conforme os atos de sua formação e as figuras que nele vemos. Segundo Deleuze, “podemos chamar cada um destes estados de “cristal de tempo”” (DELEUZE, 2007, p. 103). A única subjetividade é o tempo, o tempo não-cronológico apreendido em sua fundação, e somos nós que somos interiores ao tempo, não o inverso, como nos diz a abordagem kantiana do tempo. O desdobramento, a diferenciação das duas imagens, atual e virtual, não chega ao fim, já que o circuito que dele resulta está sempre nos levando de umas às outras em um movimento de profunda oscilação e interminável.

4 A ESTRUTURA BIFACIAL DA TEMPORALIDADE EM PRIMO LEVI: ENTRE A IMAGEM ATUAL E A IMAGEM VIRTUAL

Como vimos, o mecanismo de tessitura fenomenológica das relações temporais abrange uma teoria complexa a qual condiciona amplamente a dicotomia entre a imagem atual e a imagem virtual. Estas duas instâncias são características da dissolução sistêmica da temporalidade em um arcabouço teórico que contempla tanto o corpo em ação que condiz com o movimento da percepção, quanto a imagem que atualiza-se e conserva um evento momentâneo do passado. Após o início do século XX, com as duas grandes guerras mundiais, mais especificamente, a Segunda Guerra Mundial, a teoria do conhecimento conheceu uma nova abordagem metodológica de encontro com os fantasmas da era do holocausto. A literatura, nesta época sombria, passou a ser

conhecida como a literatura do testemunho, que diz respeito a relatos autobiográficos dos prisioneiros dos campos de concentração de Birkenau a Auschwitz.

Esta era ficou conhecida na história como uma das experiências mais chocantes e assombrosas de toda uma época. O genocídio dos judeus, a ascensão da raça ariana, a cultura antisemita, os bolcheviques, a Alemanha como uma superpotência, a loucura de Hitler, etc. São fatos que nunca serão esquecidos por aqueles que vivenciaram de perto e que são cristalizados como episódios que a cada vez mais se conservam e tendem a se atualizar na memória dos sujeitos alemães. A estrutura episódica destes eventos passados se relacionam meticulosamente com a imagem virtual que é construída com a força ontológica da memória. Estamos nos tratando da virtualidade dos fatos narrados de uma época com profundas transformações radicais, ou seja, estamos falando das marcas ou dos sinais arquitetados do passado nostálgico que se revela cada vez maior como uma bolha que tende a crescer mais e mais, sucessivamente. A inovação deste estudo está no fato de que o passado enquanto imagem virtual condensa os episódios vividos na época do holocausto, estes eventos estão cada vez mais vivos na mente dos prisioneiros.

Primo Levi em “É isto um homem” e em “Assim foi Auschwitz: testemunhos de 1945-1986” tece um relato contundente, tenebroso e acessível a muitos estudiosos e pesquisadores desta área que pretendem conhecer a atmosfera sombria dos campos totalitários onde germinavam sangue, terror e morte. Ele conta, partindo-se de experiências pessoais e ordinárias, como um prisioneiro era recebido nos campos de concentração de Auschwitz e como era a vida destes prisioneiros. É interessante observar que a temporalidade nesta condição subhumana não é um corpo vivo captado pela percepção, mas uma imagem ausente que se consagra com a recuperação do passado. O passado, aqui, seria uma massa amorfa se não testemunhasse a presença do presente como uma unidade incorporada às relações temporais. Ao contrário, a imagem virtual e opaca do passado se torna viva e visível graças à imagem atualizada do presente. O passado se torna uma imagem ausente porque não é perceptível nas relações sensório-motoras, é preciso, pois, a recuperação destes episódios para que se justifique a existência de uma era de testemunhos.

Perceberemos nos dois testemunhos elencados para análise em Primo Levi que o passado, à primeira vista, é visto como uma unidade indivisível e impotente, sem uma relação sistemática com o presente. Mas, quando relacionamos as experiências pessoais com o contexto relativamente

vivo, veremos como a perspectiva da subjetividade é construída segundo às potencialidades do campo de relações espaço-temporais. O contexto, físico ou mental, passa a constituir uma linha de raciocínio fidedigna e consolidada na recuperação de imagens coalescentes que se imbricam e se confundem, provocando a abertura de uma nova camada discursiva da linguagem e tornando o passado uma unidade viva e prescritível. A origem do passado está escondida e camuflada pela interferência de nuvens sombrias que formam uma conjuntura de aspectos mnemônicos e se estabelecem dentro de uma epistemologia própria e inacessível em seu primeiro contato. O passado conforta uma imagem dupla que se coverbera na assimilação com o estado presente do objeto percebido. Este objeto, detectado pelo observador, só se torna perceptível através da coerência que se estabelece com a relação com a imagem atual, que é aquela proveniente do modo de ação da percepção.

A totalidade virtual do passado se atualiza segundo direções divergentes e em tempos divergentes. Cada processo de atualização desta parcela do passado implica sempre uma temporalidade interna, variável segundo aquilo que se atualiza. Sendo assim, segundo Pelbart, “a virtualidade só se atualiza dissociando-se e a vida só existe diferenciando-se de si” (PELBART, 2010, p. 40). A realidade virtual estende-se a todo o universo, consistindo em todos os graus coexistentes de distensão, contração e expansão, memória única, cone universal, tempo único onde brilham singularidades. O passado enquanto imagem virtual significa uma defasagem, defasar é distinguir um passado e um presente, uma virtualidade e uma atualidade: é uma operação fundamental de cisão temporal. Isso quer dizer que o passado só funciona de modo intermediário com o presente. Ainda segundo Pelbart (2010, p. 126), “o princípio é que o passado não pode ser pensado à maneira de um antigo presente. O passado é anterior ao presente, ele é a condição da própria passagem dos presentes: passado transcendental”.

É na indiscernibilidade, ou seja, na proximidade entre ambos, passado e presente, que a temporalidade encontra o seu lugar de transformação universal. É nesse interstício onde reside a estrutura dual do agora, remissiva e translúcida. A individuação consistirá, pois, num desdobramento do ser, pelo qual este se desintegra em relação a si mesmo. O sujeito não é um só, ele é como um cristal que se quebra e se divide em milhares de estilhaços, projetando uma dupla referência de apreensão do real, como também do imaginário. Aquilo que dá margem à construção do objeto empírico do testemunho é o *aoristo*, ou seja, o passado imediato, ou a lembrança pura,

segundo Bergson. A teoria do testemunho encarna uma reinscrição do *eu* enquanto unidade sistematicamente divisiva, fazendo da temporalidade o lugar de remodelamento e desdobramento do passado. Veremos, a seguir, como a imagem virtual do passado é construída segundo uma relação dicotômica com o presente, a sua imagem atual.

Não temos nem o tempo de compreender, e já nos encontramos ao ar livre, na neve azulada e gelada do amanhecer e, nus e descalços, com nossa trouxa na mão, devemos correr até outro barraco, a uns cem metros de distância. Lá, podemos vestir-nos. Não há espelhos, mas a nossa imagem está aí na nossa frente, refletida em cem rostos pálidos, em cem bonecos sórdidos e miseráveis. Estamos transformados em fantasmas como os que vimos ontem à noite (LEVI, 1988, p. 32).

A complexidade do artifício da temporalidade pode ser compreendida neste pensamento de Primo Levi acerca da vida nos campos de concentração. Nele, o enunciador perpassa por uma atmosfera sombria de relações espaço-temporais com objetos designados por ele, asseverando a condição subhumana com que este vivenciara. Nesta situação em particular, não havia o uso de um relógio para a demarcação do tempo, pois, assim que adentravam aos campos de concentração, todos os prisioneiros eram revistados e todos os pertences eram retirados de sua posse. Então, como se vê, o tempo não era uma categoria presente naquela situação. A única presença do tempo era a impressão das horas ao acordar e vivenciar o amanhecer ou durante o pôr do sol, nos finais de tarde. Imaginemos vivenciar os momentos de nossa vida sem olharmos aparentemente para as horas que se passam. Tudo é como se fosse um turbilhão de sensações que não podiam ser descritas como passageiras.

Conta Primo Levi que ele e os demais sobreviventes daquela viagem desembarcaram em Auschwitz em 26 de fevereiro de 1944. Na mesma noite da chegada e aterrorizados com o que aconteceu com os outros estrangeiros, foram convocados a entrar no campo de concentração de Monowitz, na Polônia. Lá, passaram por uma vista a olho nu e, despidos, foram levados a uma sala para iniciar o processo de touseamento dos pelos do corpo: cabelos, barbas e axilas caíram sob tesouras e navalhas. Após isso, iniciou-se o processo de desinfecção do corpo com uma substância chamada “lisol”. Cada prisioneiro tinha direito a uma camisa de pano listrada, um par de meias, um pulôver, um sobretudo, um par de calças, um par de cuecas e um par de botas de solado de madeira. As botas eram construídas pelos próprios prisioneiros no complexo industrial de Burna--Werke. Na neve azulada e gelada, Levi e os demais sobreviventes tinham que andar nus e descalços ao ar livre, sujeitos a pegar um resfriado ou alguma doença epidérmica nos pés.

Caio César Costa Santos

O interessante a observar é que não haviam espelhos, mas haviam corpos nus e bastante magros que andavam para lá e para cá nos campos. Não havia a imagem atual do espelho, mas havia a imagem virtual transparente dos corpos que revelavam a condição subhumana com que passavam. É como se a imagem estivesse presente nos corpos dos prisioneiros, embora não tivesse a imagem espectral do espelho. O tempo, neste exato momento, é o de ser uma imagem transcendental que se estabelece com a difusão de imagens coalescentes entre o corpo que era antes da prisão e após o encarceramento. O que o espelho revela ou faz ver é o fundamento oculto do tempo, quer dizer, a sua diferenciação em dois jatos dissimétricos, o do presente que passa e o do passado que se conserva na imagem virtual dos prisioneiros. Há, portanto, duas imagens-tempo possíveis, uma fundada no passado, a origem dos corpos magros e dissecados, e outra fundada no presente, a imagem reavivada dos tempos anteriores. Ambas são complexas e valem para o conjunto do tempo.

Deste ponto de vista, o próprio presente não existe a não ser como um passado infinitamente contraído que se constitui na ponta extrema já-aí. O presente não passaria sem esta condição, não passaria se não fosse o grau mais contraído do passado, como podemos ver em “nossa imagem está aí na nossa frente, refletida em cem rostos pálidos, em cem bonecos sórdidos e miseráveis”. Ciente da evolução do tempo, o enunciador percebe que não era o mesmo de ontem, mas, apesar dos acontecimentos vividos entre duas noites, ele começa a observar o tempo como uma coexistência temporal ao perceber que ele e os demais prisioneiros se transformaram em fantasmas, em sujeitos quase mortos pela ação humana. Vemos que essa imagem-tempo se prolonga naturalmente numa imagem-linguagem e numa imagem-pensamento. O pensamento sendo introjetado como a imagem especular do espelho e a surpresa ao perceber que eles agora não passam de seres mortos, fantasmagoricamente nutridos pela ação do tempo. Este acontecimento se confunde mais com o espaço que lhe serve de lugar. O passado confere à narração do acontecido um novo valor, já que a abstrai de qualquer ação sucessiva, na medida em que substitui por uma verdadeira imagem-tempo, a imagem-movimento. Veremos outro episódio para análise:

A procissão do balde e o barulho dos nossos pés descalços no assoalho transformam-se em outra simbólica procissão: somos nós, cinzentos e idênticos, pequenos como formigas e altos até as estrelas, comprimidos um contra outro, inumeráveis, por toda a planície até o horizonte; fundidos, às vezes, numa única substância, numa massa angustiante na qual nos sentimos presos e sufocados; ou, às vezes, numa marcha em círculo, sem começo nem fim, numa ofuscante vertigem, numa maré de náusea que nos sobe até a garganta (LEVI, 1988, p. 89).

Neste pensamento de Levi, o espaço físico agora não se enquadra na tessitura das imagens, o que garante coerência à similitude dos fatos é a ocorrência de um aglomerado de carne humana que se amontoa e se dispersa um em cima do outro, como se fosse uma massa cinzenta de objetos descartáveis. No tocante à emergência da temporalidade, é como se fossem presentes simultâneos implicados no mesmo universo. Já segundo a teoria da relatividade em que afirma-se que dois corpos não ocupam o mesmo espaço, nesta situação, é possível que os corpos ocupem o mesmo espaço como se fosse uma montanha de gente. A natureza do tempo se confunde com uma névoa de pesadelos que se justapõem em elementos até então indecifráveis. Outra característica que não fica clara na descrição, mas que supomos é a unidade do silêncio. Lá, naquela imensidão dos campos de concentração não havia som, barulho, a não ser das sirenes nas alvoradas ou dos pés descalços no assoalho, identificando o ser imaterial e desgastado com a ação do tempo.

As simultaneidades das pontas do presente desatualizadas se condensam numa massa de gente, de signos extraordinariamente idênticos e semelhantes que incorporam a neutralidade do tempo, fazendo com que o passado se conserve a partir do sentido dos corpos que se entrelaçam e se categorizam como fantasmas um igual ao outro. É como se fosse um cemitério de gente sem existência temporal. Mas, na totalidade de apreensão deste significado preciso, o tempo se lança de uma imagem virtual de corpos que se assemelham entre si como se fossem gêmeos idênticos com o mesmo peso e a mesma altura. A temporalidade se mostra por si mesma e pela primeira vez, mas sob a forma de uma coexistência de corpos que se fundem em uma só dinâmica de relações espaços-temporais. Vários corpos atingem e se solidificam no mesmo espaço geográfico. Outro ponto que pode ser provocado pela interpretação é a loucura de Levi ao testemunhar aquela massa homogênea de corpos que se entrelaçam em um todo insignificante. Cada um de nós somos compostos por uma singularidade, mas, nesta experiência pessoal, é como se todos os corpos formassem uma única singularidade, uma única subjetividade, a de serem mortos posteriormente nos complexos industriais de Burna-Werke.

A abertura do tempo se consagra dentro de uma única epistemologia, o agora é constituído de imagens coalescentes do emaranhado de corpos que pensam serem uma só subjetividade, estes corpos desenham uma linearidade verticalmente estática, o tempo, nesta experiência pessoal, parece não sofrer evolução alguma, parece estático, impreciso e impotente, como a imagem virtual do passado. É como se o tempo congelasse nesta única imagem dos corpos, um acima dos outros,

com a abundância da conservação corporal do passado e a desatualização do presente. Nesta imagem intacta e congelada, os pensamentos dos corpos se integram um ao outro, como uma nuvem homogênea de sentidos, projetando a prospectiva de uma morte, o fim em si mesmo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o tempo é a unidade semântica mais importante da face da terra. Sem o tempo não há existência, muito menos, a existência humana. Vimos que o valor do tempo na tradição filosófica se perpassa por um itinerário de discussão profícua em que se estabelece a difusão de saberes que estão interligados entre si. Vimos ainda que a perspectiva de temporalidade emancipada em Bergson se aproxima consideravelmente da visão de Deleuze e Merleau-Ponty. Dentre as reflexões levantadas aqui, cabe ilustrarmos uma única: a de que o presente se atualiza e o passado se conserva. Esta diferença, no seio da Filosofia, provocou um novo olhar diante à emergência das relações temporais no âmbito da humanidade.

Ao relacionarmos a perspectiva da temporalidade aos dois testemunhos de Primo Levi, percebemos como a memória é um instrumento maravilhoso, mas falaz. O passado se mostra como pura invenção e abordado, sobretudo, pela presença unânime da interioridade de um ser. Partindo-se das relações temporais, encontramos o sujeito dividido, contrariado e disseminado numa abordagem cada vez mais cercada por profundas provocações. O tempo se encontra, pois, na interioridade do ser, na sua dimensão subjetiva, encarando problemas e paradoxos com a evolução do tempo.

REFERÊNCIAS

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DELEUZE, G. **A imagem-tempo**. Tradução de Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LEVI, P. **É isto um homem?**. Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PELBART, P. P. **O tempo não-reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 2010.